



## CONSIDERAÇÕES SOBRE AS DIFERENÇAS ENTRE A FÍSICA DE EPICURO E A DE DEMÓCRITO

Osmar Martins de Souza (TIDE) – UNESPAR – Campus de Campo Mourão,  
msouza.32@gmail.com

José Joaquim Pereira Melo – Universidade Estadual de Maringá, jjpmelo@hotmail.com

**Resumo:** Este texto tem como intento desenvolver algumas considerações sobre as principais diferenças entre a física de Epicuro e a física de Demócrito. A física de Epicuro teve por base a de Demócrito, mas esta não foi uma mera reprodução da física do segundo. A física no sistema filosófico de Epicuro teve uma função propedêutica, porque era entendida como um meio para construir os fundamentos da doutrina da felicidade (*eudaimonia*). O estudo do mundo físico empreendido por Epicuro não foi realizado de forma desinteressada, porque tinha como intento o conhecimento da natureza das coisas e com este, seria possível colocar fim aos temores que impediam os homens de viverem prazerosamente a sua existência. O propósito de tal estudo tinha uma finalidade moral e educativa, pois Epicuro considerava que este era o meio principal de abrir o caminho aos homens para a felicidade, na medida em que os libertava dos conhecimentos tidos por falsos. Ainda deve-se ressaltar que Epicuro viveu em um período histórico distinto do de Demócrito, chamado de helenístico. Em face disso, a física em Epicuro não tinha como ser igual a de Demócrito, pois o mestre do Jardim a desenvolveu e acrescentou novos aspectos que atendiam às necessidades do seu tempo histórico e as finalidades de seu pensamento filosófico e educativo.

**Palavras-chave:** Epicuro. Demócrito. Física. Eudaimonia.

Epicuro<sup>1</sup> desenvolveu sua física (*phýsis*<sup>2</sup>) tendo por base a física de Demócrito<sup>3</sup>, e esse fato parece não ser contestado por nenhum pesquisador do pensamento epicurista na

---

<sup>1</sup> Epicuro nasceu em Samos, em 341 a.C. O pai, Neócles, era ateniense e fora para Samos como colono. Morreu em Atenas, em 270 a.C. Parte de sua juventude passou-a na terra natal, onde se familiarizou com o pensamento de Platão. Descontente com o encaminhamento dos seus estudos na terra natal foi encaminhado por seu pai para Téos, na costa da Ásia Menor, onde teve como professor Nausífanos, discípulo do atomista Demócrito. Esse encontro com Nausífanos foi decisivo em relação ao atomismo, que será adotada pelo pensador. Após cumprir suas obrigações militares, por dois anos, Epicuro não pôde retornar a Samos, pois o seu pai e os demais atenienses foram expulsos por perseguição política. No exílio, em Colofon, Epicuro teve o amargo contato com a pobreza, aspecto que influiria na constituição de seu pensamento; e o fato de ter passado doze anos sem freqüentar nenhuma escola filosófica não inviabilizou reflexões que favoreceriam a formação de sua doutrina filosófica. Já em Mitilene, Epicuro abre uma escola para divulgar as suas idéias, mas logo foi perseguido por escolas rivais e sua licença foi cassada. Apesar dessa situação, em Mitilene, Epicuro consegue conquistar simpatizantes, entre os quais Hermarco o seu sucessor. Transferindo-se para

atualidade. Entretanto, esse reconhecimento não autoriza aceitá-las como iguais, pois tanto no pensamento do primeiro como no do segundo, a física teve características próprias. Ao considerar que a física de Demócrito foi a base sobre a qual Epicuro organizou a sua concepção física do mundo, é importante ressaltar, primeiramente, que a física no sistema filosófico de Epicuro teve uma função propedêutica para construir os fundamentos da doutrina da felicidade (*eudaimonia*<sup>4</sup>), e, em segundo lugar, deve-se desconsiderar que Epicuro viveu em um período histórico distinto do de Demócrito, chamado de helenístico<sup>5</sup>. Em face disso, a física em Epicuro não tinha como ser igual a de Demócrito, pois o mestre do Jardim a desenvolveu e acrescentou novos aspectos que atendiam às necessidades do seu tempo histórico e as finalidades de seu pensamento filosófico e educativo. É importante compreender a diferença que existe entre a física destes dois filósofos, porque sem isto, o entendimento da concepção filosófica e educativa de Epicuro fica em parte comprometida.

Demócrito e Epicuro viveram em épocas sociais distintas e as suas filosofias expressaram as contradições da sociedade em que faziam parte. Demócrito viveu em um

---

Lâmpsaco, consegue divulgar suas idéias, pois a cidade deu-lhe boa acolhida. Nessa cidade, também conquista vários seguidores, adquire confiança em suas idéias e arrecada fundos para a manutenção da escola. Por volta de 307/ 306, Epicuro transferiu-se para Atenas, onde, coerente com o seu pensamento, comprou uma propriedade fora da cidade, fundou o “Jardim”, local que era destinado à formação de novos discípulos.

<sup>2</sup> Embora a palavra em si não seja fortemente confirmada até ao tempo de Heráclito, (de facto, aparece anteriormente nos títulos de obras de Anaximando e Xenófanes), é evidente que a investigação que usa a abordagem metodológica conhecida como logos e mais tarde conhecida por Pitágoras como *philosophia* (q. v.) teve, como assunto principal geral, a *phýsis*. Foi assim que compreenderam tanto Platão (ver Fédon 96a) como Aristóteles (Meta. 1005a) o qual chama aos primeiros filósofos *physikoi*, i. e., os interessados na *phýsis*. Conglobava estas coisas diferentes mais relacionadas: 1) o processo de crescimento ou Genesis (assim Empédocles, frgs. 8, 63; Platão, Leis 892c; Aristóteles, Phys. 193b); 2) a substância física da qual eram feitas as coisas, a *arche* (q. v.) no sentido de *Urstoff* (assim Platão, Leis 891c; Aristóteles, Phys. 189ba); e 3) uma espécie de princípio interno organizador, a estrutura das coisas (assim Heráclito, frg. 123; Demócrito, frg. 242). (PETERS, 1983, p. 190).

<sup>3</sup> Filósofo grego (nascido em Abdera) atomista e considerado o primeiro pensador materialista. Para solucionar o problema de Parmênides e dos eleatas, fazendo do ser uma unidade fechada e imutável e tornando incompreensível o movimento, Demócrito desenvolve o atomismo, a teoria do átomo, criada por Leucipo e destinada a conciliar o ser imóvel dos eleatas com a pluralidade mobilista de Heráclito (JAPIASSU; MARCONDES, 1993, p. 67).

<sup>4</sup> Ela não consiste, segundo Demócrito, nos bens externos (Diels, frgs. B 170, 171, 40). O homem justo é feliz, assim Platão Rep. 353b-354<sup>a</sup>, e a melhor vida é a mais feliz. A felicidade é o supremo bem prático para os homens (Aristóteles, Eth. Nich. I 1097 a-b), definido, IBID. I, 1098<sup>a</sup>, 1100b. Consiste na contemplação intelectual. No estoicismo a felicidade resulta da vida harmoniosa (PETERS, 1974, p. 85).

<sup>5</sup> Lo que caracteriza al helenismo es la enorme expansión de lo griego como elemento civilizador. Las conquistas de Alejandro, que llegó hasta el Indo por Oriente, y que sometió también Siria y Egipto, significaron la desaparición del império persa y la formación de nuevas unidades políticas de amplios dominios, que se consolidaron como monarquias bajo las dinastias de los sucesores: los Diádocos. Así se instauró en Egipto la dinastia de los Ptolomeos; en Siria y la zona del Éufrates imperaron los Seléucidas; los Atálidas dominaron Pérgamo y Asia Menor, mientras que em Macedonia y em Grecia se establecieron al fin los descendientes de Antígono (GUAL, 2008, p. 18).

período de expansão da sociedade grega, principalmente de sua cidade, Abdera<sup>6</sup>, que experimentava um momento de mudança e de um forte crescimento do comércio. Em função disso, desenvolveu-se uma classe que rompia com os moldes da velha sociedade tribal e que impunha um novo ordenamento entre as forças na sociedade (LLANOS, 1963, p. XV). Essa classe necessitava de um conhecimento voltado para o mundo externo, e o atomismo democritiano teve como objetivo principal a investigação do mundo material (LÁPINE, 1983, p. 49).

Esse período de crescimento econômico possibilitou um novo ordenamento na sociedade grega, principalmente com a ascensão de uma classe ligada ao comércio<sup>7</sup>. O pensamento de Demócrito estava em sintonia com as necessidades dessa classe vinculada ao comércio. Segundo Alfredo Llanos:

El conjunto de las doctrinas democríteas constituye la primera gran respuesta intelectual que la burguesía ha dado de su trayectoria económica y política. Compendía la acción cumplida durante dos siglos de activa expansión hasta que sus luchas y ambiciones adquirieron los contornos bien definidos de una sólida concepción del mundo. Demócrito resulta así el teórico más completo de esta revolución que se vio favorecida por el impulso colonizador y el triunfo final de la economía dineraria (LLANOS, 1963, p. 13).

Epicuro, por seu turno, organizou seu sistema filosófico em um período em que a sociedade grega estava em decadência política e econômica, em que a maior parte dos homens gregos livres se empobrecia e os seus privilégios assegurados pela *polis* deixavam de existir. Assim, o atomismo de Epicuro não se restringiu apenas ao mundo físico ou natural, antes de tudo, era um meio necessário para resolver o problema dos indivíduos nesse mundo em destruição política (LÁPINE, 1983, p. 49). A investigação do mundo natural visava à produção de um conhecimento que pudesse servir de fundamento para esses indivíduos pudessem encontrar a felicidade nesse mundo conturbado. Em Epicuro, a física

---

<sup>6</sup> Abdera, tracia por su ubicación geográfica, era griega por su cultura y democrática por su comercio. A mitad de camino entre Atenas y Persia (LLANOS, 1963, p. XVII).

<sup>7</sup> El siglo V vio nacer en la sociedad griega un iluminismo de alto vuelo, representado por tendencias ideológicas de profunda significación y alcance. Ellas condensan la madurez lograda por una clase ambiosa, lanzada resueltamente a la conquista del poder político, luego de haberse adueñado del mercado del Mediterráneo y de haber eliminado la competencia fenicia de todos los puertos de su zona de influencia. El movimiento sofístico fue la cabeza de puente que inició la desintegración de las viejas estructuras intelectuales; frente a este cambio de orientación mental el idealismo pitagórico o socrático no representaba más que la apología de la vieja clase aristocrática abroquelada en sus privilegios tracionales según se arraigaron después de la escisión del régimen tribal. Las guerras médicas dieron a las fuerzas progresistas helénicas la oportunidad para elevarse al poder y organizar el gobierno democrático de acuerdo con las premisas que habían presidido la sistematización de sus empresas comerciales (LLANOS, 1963, p. XVII).

teve uma finalidade precisa em seu sistema filosófico e o mestre do Jardim assim definiu a sua função:

Devemos ainda sustentar que a **função da ciência da natureza é a determinação precisa da causa dos elementos principais e que nesse conhecimento consiste a felicidade**, e também no conhecimento da natureza real dos corpos que vemos nos céus, e na aquisição de conhecimento afins que contribuem para o conhecimento completo a esse respeito, indispensável também à felicidade (EPICURO, 2008, p. 301).

A física epicurista, como ciência da natureza, devia prover o conhecimento real de todos os corpos naturais e não associar a estes a influência dos deuses ou de elementos sobrenaturais. Por meio de um conhecimento imanente do mundo e do próprio homem, Epicuro considerava que se eliminaria o medo em relação aos deuses e aos mitos e desse modo, os indivíduos teriam as condições para chegarem à felicidade. Para Epicuro, o estudo do mundo físico realizado pela ciência da natureza era um instrumento indispensável para a elaboração de seus preceitos morais, ou seja, a física era propedêutica da moral e, em sua moral, o filósofo elencou os principais ensinamentos para alcançar a *eudaimonia*.

Sobre a importância desse entendimento imanente do cosmo em Epicuro e em sua utilização na fundamentação da moral, destacou Lukács:

A filosofia de Epicuro [...] um materialismo inescrupulosamente crítico destrói toda ontologia de dois mundos. Epicuro também põe o sentido da vida humana, o problema da moral, no centro de sua filosofia. Mas esta se distingue de todas as que a precederam na medida em que nela o cosmo natural se defronta com as aspirações humanas enquanto autolegalidade não teleológica, completamente indiferente, e o ser humano pode e deve resolver suas questões vitais exclusivamente na imanência de sua existência física. Só assim a morte, o como morrer, devém uma questão puramente moral, exclusivamente humana. Nenhuma qualidade do cosmo é capaz de dar qualquer instrução nesse sentido, muito menos um impulso motivado pela promessa de prêmio ou castigo (LUKÁCS, 2012, p. 34).

Apesar de Epicuro ter evidenciado a função que a física ocupou em seu sistema filosófico, o pensador não escapou de críticas desde a antiguidade e algumas delas foram dirigidas, principalmente, sobre a sua concepção física. Dentre estes pensadores, Marco Túlio Cícero<sup>8</sup> foi um dos principais críticos da física epicurista, ao acusá-lo de não ter

---

<sup>8</sup> Cícero nasceu em 106 a.C. em Arpino. Aproximou-se desde jovem da filosofia, cultivando-a com interesse e constância. Todavia, o amor pela filosofia não absorveu por inteiro todas as energias e interesses de Cícero. Ele, com efeito, foi prioritariamente levado à vida pública, à vida forense e à vida política. Por isso a sua escolha de fundo foi pela retórica, pela oratória. Sua carreira oratória começa já em 81 e em 74/75 inicia sua atividade política, com a eleição para questor. Daí em diante Cícero ligou amiúde o seu nome a clamorosos processos e a importantes acontecimentos políticos. Morreu em 43 a. C., assassinado pelos soldados de Antônio (REALE, 1994, p. 454).

entendido a física de Demócrito, de ter copiado alguns dos pontos dessa física e de ter modificado outros erroneamente. Eis o que o Cícero afirmou no *De Finibus* sobre a física de Epicuro:

Em primeiro lugar, a sua física, de que tanto se glorias, e que, no entanto, é totalmente alheia. **Acrescentou algumas coisas de Demócrito, alterando muito poucas**, conquanto me pareça que **as que pretende corrigir ele acaba por pô-las perder** (CÍCERO, 2005, p. 8).

Epicuro também foi desprestigiado por pensadores da Idade Média, do Período Moderno, e do início do Período Contemporâneo como Hegel<sup>9</sup>, que fez uma “exposição do pensamento de Epicuro plena de antipatia pelo seu materialismo” (LUKÁCS, 2009, p. 126). Na exposição das filosofias do período helenístico, Hegel definiu a filosofia estoíca<sup>10</sup> e a epicurista de dogmáticas e a cética como oposta a estas duas e superiores a elas (HEGEL, 1977, p. 337). Ele considerou o estoicismo e o epicurismo apenas como momentos opostos de desenvolvimentos secundários da filosofia helenística e que somente no ceticismo<sup>11</sup> teriam alcançado sua verdadeira síntese.

A filosofia estoica e a epicurista se opõem uma à outra. O movimento é, pois, a união destas contradições. Esta unificação pode consistir em sua negação, como no ceticismo; porém a unificação é afirmativa é a sua absorção numa totalidade mais elevada, na ideia (HEGEL, 1983, p. 181).

---

<sup>9</sup> Hegel, Georg Wilhelm Friedrich (Stuttgart, 27 de agosto de 1770 – Berlim, 14 de novembro de 1831). Filho de um coletor de impostos, Hegel estudou filosofia, letras clássicas e teologia na Universidade de Tübingen, passando depois a trabalhar como professor particular, primeiro em Berna e depois em Frankfurt. Em 1801 tornou-se docente universitário (*Privatdozent*) e, em 1805, professor da Universidade de Jena, onde foi escrita sua primeira obra importante, *Phänomenologie des Geistes* (Fenomenologia do Espírito), publicada em 1807. De 1808 a 1816, foi reitor do Aegidiengymnasium em Nuremberg e, em seguida, professor em Heidelberg (1816-1818) e em Berlim, onde ficou de 1818 até sua morte e onde começou a formar-se um escola hegeliana (BOTTOMORE, 1988, p. 175).

<sup>10</sup> **Estoicismo antigo:** Zenão, De Cício – Sécs. IV-III a.C. (336-246), da Ilha de Chipre, funda a Stoa por volta do ano 300 a.C., em Atenas. Cleanto, De Assos – Sécs. IV-III a.C. (331-232), da Trôade, assume a direção da Stoa após a morte de seu fundador. Crisipo, De Soles – Séc. III a.C. (277-208), da Ilha de Chipre, debate as teses de Zenão e Cleanto contra os adversários, estruturando e consolidando a doutrina. **Estoicismo médio:** Panécio, De Rodes – Séc. II a.C. (185), vitalizou a doutrina dos antigos estoícos, renovando algumas teses físicas ao dar-lhes sabor neoplatônico. Possidônio, De Apaméia – Sécs. II-I a.C. (130-51), transformou alguns dogmas dos fundadores, buscando, como Panécio, soluções próprias. **Estoicismo romano:** Lucio Naneu Sêneca – Séc. I a.C., I d.C. (8 a.C. a 65 d.C.), de Córdoba. Epicteto – Sécs I-II d.C. (121-180), de Hierápolis. Marco Aurélio – Séc. II d.C. (121-180), de Roma (GAZOLLA, 1999, p. 48).

<sup>11</sup> O ceticismo desenvolveu-se em três fases: 1) a escola de Pirro de Élis (360 -270), a cujas doutrinas Tímon de Filonte (falecido em 241) deu forma de escritos em suas poesias satíricas (*silloi*); 2) a nova academia, ou seja, a fase da escola platônica que vai desde Arcesilau de Pitane (315-241) até Carnéades de Cirena (214-129) e o seu discípulo, o caraginês Clitômaco, que expôs por escrito as suas doutrinas; 3) os céticos posteriores ou neopirrônicos, que, desde Enesidemo de Cnossos (século I) até Agripa e sexto Empírico (séculos II e III d. C.), desenvolveram mais acabada e sistematicamente os motivos do ceticismo (MONDOLFO, 1973, p. 277).

Marx<sup>12</sup>, ao contrário de Hegel, deu outra interpretação às filosofias deste período e, de modo especial, considerou o pensamento de Epicuro positivamente. Segundo Lukács, Marx definiu Epicuro como sendo de espírito esclarecido, como um homem que libertou o homem do temor dos deuses (LUKÁCS, 2009, p. 126). Esse destaque ao pensamento de Epicuro é confirmado, principalmente, a partir da tese de doutorado de Karl Marx, intitulada: *Diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro*<sup>13</sup>, na qual foi ressaltada, de forma sistemática, a especificidade da física do Mestre do Jardim e com a qual o pensador Alemão apresentou uma nova interpretação da física epicurista e que contraditou as interpretações tradicionais. Nesta tese, Marx, além de ressaltar as diferenças entre as filosofias destes pensadores, sustentou a superioridade da física de Epicuro em relação a de Demócrito (ALBINATI, 2005, p. 2).

Apesar da física de Epicuro partir da mesma base de Demócrito, os **átomos** e o **vazio**, as suas conclusões foram diametralmente opostas. Segundo Marx, eles ensinaram precisamente a mesma ciência e de forma bastante semelhante, mas se opuseram radicalmente no que tange à verdade, à possibilidade de certeza, à função dessa ciência e à relação entre o pensamento e a realidade em geral (MARX, 1972, p. 143).

Nos poucos fragmentos que foram conservados de Demócrito, alguns trazem elementos de sua física, mas a maior parte das informações sobre a sua concepção se deve ao testemunho de outros filósofos, tais como Aristóteles<sup>14</sup>. A partir destes fragmentos e do testemunho de outros pensadores é que se pode verificar a proximidade e a diferença entre

---

<sup>12</sup> Filósofo alemão, nascido em Trier de família judia convertida ao Protestantismo. Sua obra teve grande impacto em sua época e na formação do pensamento social e político contemporâneo. Estudou direito nas Universidades de Bonn e de Berlim, doutorando-se na Universidade de Iena (1841), com uma tese sobre a filosofia da natureza de Demócrito e de Epicuro. Ligou-se aos jovens hegelianos de esquerda, escrevendo em jornais socialistas. Depois de um intenso período de militância política, marcado pela fundação da liga dos comunistas (1847) e pela redação, com Engels, do Manifesto do Partido Comunista (1848), exilou-se na Inglaterra (1849), onde viveu até a sua morte, desenvolvendo as suas pesquisas e escrevendo grande parte de sua obra na biblioteca do Museu Britânico, em Londres. Suas principais obras são: A crítica da filosofia do direito de Hegel (1843); A sagrada família (1845); A ideologia alemã (1845 – 1846); A miséria da filosofia: a resposta à filosofia da miséria de Proudhon (1847); A luta de classes na França (1850); Crítica da economia política (1859); O capital, 3 vols. (1867 – 1895) (JAPIASSU; MARCONDES, 1993, p. 161).

<sup>13</sup> A tese intitulada: *Diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro* foi apresentada por Karl Marx, em 1841, na Faculdade de Filosofia da Universidade de Iena e com a qual, obteve o título de Doutor.

<sup>14</sup> Filósofo grego (nascido em Estagira, Macedônia). Discípulo de Platão na Academia. Preceptor de Alexandre Magno. Construiu um grande laboratório, graças à amizade com Felipe e seu filho Alexandre. Aos cinquenta anos funda sua própria escola, o Liceu, perto de um bosque dedicado a Apolo Lício. Daí o nome de seus alunos: os peripatéticos. Seus últimos anos são entremeados de lutas políticas. O partido nacional retoma o poder em Atenas. Aristóteles se exila na Eubéia, onde morre (JAPIASSU; MARCONDES, 1993, p. 25).

sua física com a de Epicuro. Pode-se encontrar, no testemunho de Diôgenes Laértios<sup>15</sup>, a seguinte síntese da visão física do universo de Demócrito:

**Os primeiros princípios do universo são os átomos e o vazio**; tudo mais apenas se pensa que existe. Os mundos são infinitos, sujeitos à geração e ao perecimento. **Nada é gerado pelo não-ser e nada perece no não-ser.** Os átomos são infinitos em tamanho e número; movem-se como num vórtice e geram assim todas as coisas compostas (LAÉRTIOS, 2008, p. 263).

Assim como Demócrito, para Epicuro o universo também era composto de **átomos** e de **vazio**, bem como da ideia de que **nada nasce do não-ser**, como o ser não pode deixar de existir. Para os átomos se moverem é necessário ter espaço para ser possível existir esse movimento, ou seja, o vazio é imprescindível. A evidência sensível prova que existem corpos e que esses corpos são compostos de átomos, são compostos por coisas que existem realmente. Epicuro, na *Carta a Heródoto*, no que se refere a esses princípios fundamentais da física, expressou ideias bem semelhantes às de Demócrito, ao considerar:

**En primer lugar, nada nace de lo que não existe**, porque, si todo naciera de todo, no habría necesidad de simientes. [...] **Es asimismo verdad que el universo está compuesto de cuerpos y de vacío** (EPICURO, 2008, p. 10).

Com base nas afirmações contidas nas citações acima, pode-se depreender que a física de Demócrito serviu de fundamento para Epicuro poder desenvolver a sua física, que na sua doutrina tinha a incumbência de produzir os conhecimentos essenciais para uma vida feliz. Ou seja, o conhecimento das coisas e da natureza era o melhor remédio para a felicidade, na medida em que removia o medo das coisas naturais e das superstições religiosas e propiciava a tranquilidade da alma. Segundo Benjamin Farrington:

El concepto básico del pensamiento de Epicuro fue que **un verdadero conocimiento de la naturaleza de las cosas era el mejor remedio para los males de la humanidad**, tanto para el individuo como para la sociedad (FARRINGTON, 1968, p. 112).

---

<sup>15</sup> Biógrafo grego do século III da era cristã; escreveu uma obra (em dez volumes) sobre os filósofos gregos, conhecida sob o título de *Vida, doutrinas e sentenças dos filósofos ilustres*, que é a única fonte de informação sobre muitos dos filósofos ali mencionados (JAPIASSU; MARCONDES, 1993, p. 73).

Dessa forma, a física para Epicuro tinha uma função importante em seu sistema educativo, o de produzir um conhecimento verdadeiro, que era tido pelo mestre do Jardim como o melhor remédio para a felicidade. No que tange à questão do conhecimento da verdade, Epicuro e Demócrito apresentam divergências radicais em suas físicas. Tanto que Marx, na referida tese de doutorado, chegou a classificar Epicuro de dogmático e Demócrito de cético (MARX, 1973, p. 155).

Nos fragmentos em que Demócrito trata sobre o conhecimento, este pensador apresenta uma visão contraditória sobre a possibilidade da verdade, pois, em um, o filósofo diz que: “*De fato nada sabemos, pois a verdade está num abismo*” (LAËRTIOS, 2008, p. 271) e em outro afirma:

**Há duas espécies de conhecimento, um genuíno, outro obscuro.** Ao conhecimento obscuro pertencem, no seu conjunto, vista, audição, olfato, paladar e tato. O conhecimento genuíno, porém, está separado daquele. Quando o obscuro não pode ver com maior minúcia, nem ouvir, nem sentir cheiro e sabor, nem perceber pelo tato, **mas é preciso procurar mais finamente, então apresenta-se o genuíno que possui um órgão de conhecimento mais fino** (SEXTO EMPÍRICO, 1973, p. 322).

No primeiro fragmento, a compreensão que se pode ter é que a verdade é inacessível, já no segundo, o filósofo estabeleceu uma distinção entre um conhecimento obscuro (fenomênico), dado pelos sentidos e o conhecimento genuíno (essencial) dado pela razão. Considerava a sensação subjetiva (vista, audição, olfato, paladar e tato) como conhecimento obscuro, e o conhecimento intelectual como o genuíno (REALE, 1993, p. 160). A razão teria a propriedade de propiciar o conhecimento verdadeiro, por ser “*um órgão de conhecimento mais fino*”.

No entanto, em outro fragmento da teoria do conhecimento em Demócrito, o pensador considerou que o conhecimento da verdade permanece inacessível, pois “*na realidade não compreendemos como cada coisa é*” (SEXTO EMPÍRICO, 1973, p. 322), e somente como aparenta ser. Na realidade, o que se apreende não é preciso, mas modifica-se conforme a disposição do corpo com as outras coisas, ou seja, na teoria do conhecimento de Demócrito, a mobilidade dos átomos é transposta num mobilismo da verdade (BRUN, 1968, p. 100). Sobre isso, diz Demócrito:

Por convenção existe o doce e por convenção o amargo, por convenção o quente, por convenção o frio, por convenção a cor; **na realidade, porém, os átomos e o vazio...** Nós, porém, **realmente nada de preciso aprendemos, mas em mudança, segundo a disposição do corpo e das coisas que nele penetram** e chocam. [...] E diz novamente: Que **na realidade não**



**compreendemos como cada coisa é** ou não é ficou muitas vezes demonstrado (SEXTO EMPÍRICO, 1973, p. 322).

Baseado nos mesmos princípios de Demócrito (átomos e o vazio), a teoria sobre o conhecimento em Epicuro chegou a resultados totalmente diversos da teoria de Demócrito. Em primeiro lugar, para Epicuro, a obtenção da certeza ou da verdade é possível e só com ela se pode ser feliz; em segundo lugar, a verdade se dá pelos sentidos, ou seja, pelas sensações.

No cerne da filosofia de Epicuro se coloca a exigência da certeza de alguns princípios gerais e, a partir destes, chega-se a outras verdades para que o indivíduo possa levar uma vida segura, tranquila e feliz. Para Epicuro, o sábio deverá “*ser dogmático em suas convicções doutrinárias, sem jamais deixar dúvidas*” (LAËRTIOS, 2008, p. 311). No tocante à questão da verdade, Epicuro não deixa dúvida a seu respeito, pois todo o seu sistema filosófico e formativo depende da posse da verdade e assim contradita com o de Demócrito, que expressou contradições em torno da verdade.

A oposição fica ainda mais evidente entre Demócrito e Epicuro, quando se trata do critério para se chegar à verdade. Demócrito, conforme citação acima, considerava o conhecimento sensitivo como obscuro e não seguro. Já Epicuro enfatizou que nada podia contradizer os sentidos ou sensações, e os colocou como critério para se obter a verdade. Em sua teoria do conhecimento, segundo Diôgenes Laêrtios, Epicuro colocou a sensação como o critério da verdade e afirmava categoricamente que:

Nada existe que possa contradizer as sensações. Tampouco uma sensação homogênea pode contradizer outra sensação heterogênea, porque uma e outra são eqüipolentes, nem uma sensação heterogênea pode contradizer outra heterogênea, porque os objetos de seus juízos não são os mesmos; nem a razão pode contradizer as sensações, porque a razão depende totalmente das sensações. Nem uma sensação pode contradizer outra, porque nossa atenção está voltada igualmente para todas. A veracidade das sensações é garantida pela existência efetiva das percepções imediatas. Ver e ouvir são tão reais quanto sentir a dor; logo, é necessário que nossas inferências sobre aquilo que não cai no âmbito dos sentidos provenham do mundo dos fenômenos. Realmente, todas as nossas noções derivam das sensações, seja por incidência, ou por analogia, ou por semelhança, ou por união, com uma certa colaboração também do raciocínio (LAËRTIOS, 2008, p. 290).

Outro ponto em que estes dois filósofos se diferenciaram foi em relação ao movimento dos átomos. Tal como Demócrito, Epicuro admitiu o movimento dos átomos no vazio. O movimento em linha reta e o movimento da repulsão dos diversos átomos entre si, mas acrescentou um terceiro movimento, o desvio da linha reta (MARX, 1972, p. 165). Esse

terceiro movimento, chamado de *clinamen*, aparece especificamente na física de Epicuro e possibilita a distinção entre o seu atomismo e o de Demócrito. Epicuro introduziu esse terceiro movimento para explicar de que forma ocorre o choque entre os átomos, pois sem estes não haveria possibilidade de explicar a formação do universo e de todos os corpos compostos que existem (JUFRESA, 2008, p. XLIV). Esse movimento de declinação dos átomos na física de Epicuro foi esclarecido por Lucrecio (98 – 55 a.C.)<sup>16</sup>, no Livro II, Da Natureza, da seguinte forma:

Quando os corpos são levados em linha reta através do vazio e de cima para baixo pelo seu próprio peso, afastam-se um pouco da sua trajetória, em altura incerta e em incerto lugar, e tão-somente o necessário para que se possa dizer que se mudou o movimento. Se não pudessem **desviar-se**, todos eles, como gotas de chuva, cairiam pelo profundo espaço sempre de cima para baixo e não haveria para os elementos nenhuma possibilidade de colisão ou de choque; se assim fosse, jamais a natureza teria criado coisa alguma (LUCRECIO, 1988, p. 50).

Esse terceiro movimento do átomo, **o desviar-se**, segundo Karl Marx, serviu também para Epicuro justificar a noção de liberdade no ser humano, pois assim como todo o restante da realidade, o homem e sua alma é composta de átomos. Como os átomos desviam-se da linha reta, o homem também pode desviar-se da fatalidade do destino pela sua própria vontade, ou seja, pela sua liberdade de poder escolher aquilo que mais lhe aprouver. Essa ideia é destacada por Lucrecio:

[...] se os elementos não fazem, pela sua declinação, qualquer princípio de movimento que quebre as leis do destino, de modo a que as causas não se sigam perpetuamente às causas, donde vem esta liberdade que têm os seres vivos, donde vem este poder solto dos fados, por intermédio do qual vamos aonde a vontade nos leva e mudamos o nosso movimento, não tem tempo determinado e em determinada região, mas quando o espírito o deseja? É sem dúvida na vontade que reside o princípio de todos estes atos; daqui o movimento de dirige a todos os membros (LUCRECIO, 1988, p.50).

---

<sup>16</sup> Poeta latino ou romano Titus Lucretius Carus, mais conhecido como Lucrecio, tornou-se famoso por seu poema filosófico Da natureza das coisas, no qual glorifica Epicuro e revela sua concepção do mundo. Composto em seis cânticos, esse poema começa invocando Vênus, princípio de toda vida; em seguida, expõe as leis de Demócrito e de Epicuro a respeito do universo; depois, ressitua o homem na natureza e em suas relações com a história do universo; termina mostrando as etapas que o homem e a civilização devem percorrer antes de alcançar a sabedoria, fim supremo da existência. Com grande qualidade poética, Lucrecio descreve todos os fenômenos da natureza, dos mais belos aos mais horrorosos, explicando-os por causas naturais, à maneira do atomismo probabilista e mecanicista de Epicuro, pois a filosofia precisa libertar os homens do terror, das superstições e do medo dos deuses. Contra todos os medos, o filósofo deve buscar o sentido do belo e a tranquilidade da alma (JAPIASSU; MARCONDES, 1993, p. 155).

Na teoria atômica de Demócrito aparece um procedimento totalmente oposto ao de Epicuro, porque em sua concepção “*tudo acontece por força da necessidade*”; e para este filósofo, a “*necessidade é vórtice causador da gênese de todas as coisas*” (LAËRTIOS, 2008, p. 263). Em Demócrito, portanto, os movimentos dos átomos ocorrem obedecendo a necessidade e não há margem para a noção de liberdade. Na filosofia de Epicuro, há a afirmação da vontade livre no homem e a crítica ao determinismo presente nos filósofos naturalistas. Isso é evidenciado de forma clara na *Carta a Meneceu*, quando Epicuro rechaçou a crença da necessidade e destacou que o homem sábio:

Que nega o destino, apresentado por alguns como o senhor de tudo, já que as coisas acontecem ou por necessidade, ou por acaso, ou por vontade nossa; e que a necessidade é incoercível, o acaso, instável, enquanto nossa vontade é livre, razão pela qual nos acompanham a censura e o louvor? Mais vale aceitar o mito dos deuses, do que ser escravo do destino dos naturalistas: o mito pelo menos nos oferece a esperança do perdão dos deuses através das homenagens que lhes prestamos, ao passo que o destino é uma necessidade inexorável (EPICURO, 1997, p. 49).

Enfim, mesmo Epicuro tendo partido dos mesmos princípios de Demócrito em sua física, pode-se concluir a partir das diferenciações feitas, que o Mestre do Jardim ampliou a física de Demócrito, introduziu novos princípios e atingiu conclusões diversas. Portanto, a física de Epicuro teve uma especificidade própria e serviu de fundamento para o filósofo estruturar sua doutrina filosófica e seu ideal educativo. A partir da física, Epicuro desenvolveu os princípios fundamentais de sua filosofia e, com base em uma concepção imanente do conhecimento, produziu um conjunto de verdades que considerava imprescindíveis para a formação humana.

## REFERÊNCIAS

- BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- BRUN, Jean. **Os pré-socráticos**. Lisboa: Edições 70, 1968.
- CARO, Tito Lucrécio. **Da Natureza**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os pensadores).
- CÍCERO, Marco Túlio. **Do sumo bem e do sumo mal**. São Paulo: Martis Fontes, 2005.
- EPICURO. **Obras**. Madrid: TECNOS, 2008.
- EPICURO. **Carta sobre a felicidade**. São Paulo: UNESP, 1997.

- FARRINGTON, Benjamin. **Ciencia y política en el mundo Antigo**. Madrid: Ciencia Nueva, 1968.
- GAZOLLA, Gabriela G. **A vida cética de Pirro**. São Paulo: Loyola, 2009.
- GUAL, Carlos García; ÍMAZ, María Jesús. **La filosofía Helenística: éticas y sistemas**. Madrid: SÍNTESIS, 2008.
- JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- HEGEL, G. W. F. **Introdução à história da filosofia**. São Paulo: Hemus, 1983.
- HEGEL, G. W. F. **Lecciones sobre la historia de la filosofia**. Vol. II. México: FONDO DE CULTURA ECONÓMICA, 1977.
- JUFRESA, Montserrat. Estudio preliminar. *In*: EPICURO. **Obras**. Madrid: TECNOS, 2008.
- LAÊRTIOS, Diôgenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 2008.
- LAPINE, Nicolai. **O jovem Marx**. Lisboa: Editorial Caminho, 1983.
- LLANOS, Alfredo. **Demócrito y el materialismo**. Buenos Aires: Ameghino, 1963.
- LUKÁCS, György. **O jovem Marx e outros escritos de filosofia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MARX, Karl. **Diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro**. São Paulo: presença, 1972.
- MONDOLDO, Rodolfo. **O pensamento Antigo: história da filosofia Greco-romana**. Vol. II. São Paulo: Mestre Jou, 1973.
- PETERS, F. E. **Termos Filosóficos Gregos**. Lisboa: Calouste, 1983.
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga**. Vol. I. São Paulo: Loyola, 1993.
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga**. Vol. III. São Paulo: Loyola, 1994.
- SEXTO EMPIRICO. **Os pré-socráticos**. São Paulo: Abril, 1973.